FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Memórias Perdidas: a noite que se aproxima

Entre relicários, vestígios e paisagens do esquecimento

Por Bob Sousa[1]

Em *Memórias Perdidas: a noite que se aproxima*, da Cia da Entropia, apresentado no CET durante a 40ª edição do Festivale, a memória se estabelece como matéria dramatúrgica e visual, um território instável no qual lembranças, afetos e experiências familiares se entrelaçam diante da ameaça do esquecimento. A doença que atravessa três gerações de mulheres, avó, mãe e filha, não se restringe à dimensão clínica, mas se transforma em metáfora de uma herança que percorre os corpos, modifica as relações e coloca em questão a própria continuidade das histórias individuais e familiares.

A experiência do espetáculo começa antes mesmo de o público entrar na sala teatral. Uma mesa disposta na entrada do teatro, reunindo objetos documentais da memória da artista, constitui uma espécie de relicário afetivo, um pequeno arquivo de vestígios de uma existência. Fotografias, documentos e objetos pessoais deslocam a recepção para um território de intimidade, como se o espectador fosse convidado a percorrer fragmentos de uma vida antes de testemunhar sua elaboração cênica. A mesa não funciona apenas como elemento expositivo, mas como uma primeira camada dramatúrgica, antecipando a temática do esquecimento e conferindo materialidade àquilo que, ao longo do tempo, pode desaparecer. Como em um relicário, cada objeto parece guardar não apenas uma história, mas a presença de alguém. A entrada do teatro transforma-se, assim, em espaço de evocação, e o espetáculo começa no próprio gesto de olhar e reconhecer esses vestígios.

Essa aproximação entre memória individual e experiência coletiva ganha outra dimensão quando, antes do início formal da apresentação, a atriz Simone Sobreda estabelece uma

[1] **Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

relação direta com parte do público por meio de perguntas sobre suas próprias lembranças. Ao recolher fragmentos das memórias dos espectadores, a atriz rompe a fronteira convencional entre palco e plateia e amplia o território da dramaturgia. A memória deixa de pertencer exclusivamente às mulheres retratadas na obra e passa a incorporar experiências de quem está presente. Cada pergunta abre uma pequena janela para histórias particulares, evocando lembranças afetivas, dolorosas ou aparentemente banais, mas fundamentais na constituição de cada existência. A participação não se limita a um recurso de interação, assume uma função dramatúrgica e poética: antes mesmo de acompanhar a trajetória da personagem, o espectador é convocado a revisitar sua própria história e a reconhecer a fragilidade daquilo que acredita preservar.

No espaço cênico, a encenação se estrutura a partir de elementos documentais que adquirem função dramatúrgica e visual. Certidões, fotografias e peças de vestuário deixam de ser simples objetos de cena para se transformar em vestígios materiais de uma trajetória familiar. São documentos que atestam existências, registram passagens do tempo e preservam fragmentos de histórias que a doença ameaça apagar. A atriz manipula esses materiais e percorre o espaço a partir deles, como se cada objeto pudesse abrir uma passagem para determinada lembrança ou recuperar uma imagem que insiste em escapar. O deslocamento ganha uma dimensão de investigação, quase uma arqueologia dos afetos, na qual cada documento oferece uma pista, mas nunca a totalidade da história.

As fotografias carregam uma potência particular nessa construção, pois congelam instantes e preservam aparências, embora sejam incapazes de devolver integralmente a experiência vivida. O vestuário, por sua vez, guarda a dimensão da presença corporal, evocando aqueles que já não estão ou que, mesmo presentes, começam a se distanciar de suas próprias histórias. Há um contraste significativo entre a permanência física desses objetos e a progressiva dissolução das lembranças. Enquanto a memória se fragmenta, os documentos permanecem como testemunhos materiais de uma existência. A cena transforma esse arquivo familiar em espaço de representação, fazendo do gesto de manusear, observar e reorganizar os objetos uma maneira de enfrentar o esquecimento.

A narrativa, conduzida pela filha, estabelece um percurso entre diferentes temporalidades

e estados de consciência. As lembranças não aparecem como registros íntegros de um passado, mas como fragmentos que escapam, imagens que se desfazem e acontecimentos cuja permanência já não pode ser assegurada. Nesse movimento, o espectador acompanha alguém que tenta reconstruir sua própria história enquanto percebe que as referências que sustentam sua identidade começam a desaparecer. A memória não é apresentada como um arquivo estático, mas como uma construção continuamente refeita pelos vínculos, pelas narrativas e pelos afetos.

A articulação entre corpo, palavra, luz, sonoridade e audiovisual amplia essa experiência. A coordenação artística de visualidades de Cy Medeiros, em diálogo com o desenho de iluminação de Claudio Mendel, a direção audiovisual de Leo Grego, a trilha sonora original de Marco Antonio Machado e o sound design de Guilherme Crispim, reúne diferentes possibilidades expressivas para traduzir aquilo que escapa à palavra. A dimensão visual não se limita a ilustrar a narrativa, mas participa da construção de uma atmosfera na qual passado e presente se aproximam, se sobrepõem e, por vezes, parecem perder suas fronteiras. A própria ideia de uma noite que se aproxima carrega uma potência metafórica: a escuridão como imagem do desconhecido, da perda gradual das referências e daquilo que, pouco a pouco, deixa de estar acessível à consciência.

Sob a direção geral de Caren Ruaro e a dramaturgia de Rogério Guarapiran, Simone Sobreda assume a condução de uma narrativa que exige transitar entre diferentes temporalidades e estados afetivos. Seu corpo e sua presença cênica tornam-se referências para acompanhar esse percurso, no qual a palavra funciona como instrumento de reconstrução de uma história ameaçada pelo esquecimento. A atriz transita entre a dimensão individual da personagem e a memória compartilhada, fazendo da relação com os objetos e com os espectadores um campo de elaboração sensível.

Há também uma dimensão política e social que atravessa a obra. Ao colocar três gerações de mulheres no centro da narrativa, o espetáculo desloca o olhar para as relações de cuidado, para a responsabilidade familiar e para as questões que envolvem o acompanhamento de pessoas com doenças degenerativas. Quem cuida também precisa reorganizar sua própria existência. Quem acompanha o esquecimento precisa lidar com a

permanência de lembranças que, para o outro, talvez já não existam. A doença expõe não apenas a vulnerabilidade individual, mas também os limites e as possibilidades do afeto.

Memórias Perdidas: a noite que se aproxima encontra sua força na aproximação entre memória e identidade, propondo uma reflexão sobre o que nos constitui e sobre o que permanece de nós quando as lembranças começam a desaparecer. A mesa-relicário, as perguntas dirigidas ao público e os documentos que ocupam o espaço cênico formam uma espécie de cartografia dos afetos, na qual objetos, corpos e histórias se tornam suportes de uma memória em permanente transformação. A noite anunciada pelo título não representa somente o avanço de uma doença, mas a incerteza diante daquilo que não podemos controlar. A encenação nos lembra que a memória também existe fora de nós, nas fotografias guardadas, nas roupas que pertenceram a alguém, nos documentos que atravessam gerações e, sobretudo, nas histórias que compartilhamos. Talvez o esquecimento de uma pessoa não apague aquilo que ela deixou nos outros. É justamente nessa permanência, entre a ausência e a lembrança, que reside a dimensão mais comovente do espetáculo.